



O plural de um conceito, não raro, é outro conceito

The Plural of a Concept Is Often Another Concept

Luiz Philip Favero Gasparete

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/ Brasil

luizphilipfg@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-0253-034X>

Resumo: Este trabalho tem como objeto de estudo principal o artigo “Formações do sujeito colonial: suplemento, dependência, cosmopolitismo”, do pesquisador João Camillo Penna. O foco recai na constatação de uma disparidade entre o título e o texto, a saber, o fato de que o termo que inicia o nome (“formações”) não aparece nenhuma vez ao longo dos parágrafos. O que aparece, sim, com frequência, é o conceito de formação, que adquire diferentes sentidos e ressonâncias. O trabalho procura demonstrar que entender “formações” como mero plural de “formação” não é tão incontestado quanto parece e que, na verdade, as variantes resultam em conceitos dissociados. A maneira escolhida para corroborar a hipótese é uma discussão a respeito da conceitualização psicanalítica que Penna (2012) utiliza para interpretar a obra de Silvano Santiago, especificamente os textos que envolveriam a dita “formação do sujeito colonial”.

Palavras-chave: formações; formação; sujeito colonial; Silvano Santiago.

Abstract: The main object of this work is the article “Formações do sujeito colonial: suplemento, dependência, cosmopolitismo”, by João Camillo Penna. The work focuses on a certain disparity between the title and the text, namely the fact that the term that begins the name (“formations”) does not appear throughout the paragraphs. What often appears is the concept of formation, which acquires different meanings and resonances. The work tries to demonstrate that understand “formations” as a mere plural of “formation” is not too uncontested as it seems and that, in fact, the variants result in dissociated concepts. In order to corroborate the hypothesis, the work discusses the psychoanalytic conceptualization that Penna (2012) uses to explore the Silvano Santiago’s production, specifically the texts that involve the “formation of the colonial subject”.

Keywords: formations; formation; colonial subject; Silvano Santiago.

1 Formações, formação

O artigo “Formações do sujeito colonial: suplemento, dependência, cosmopolitismo”, de João Camillo Penna (2012), é marcado por alguns descompassos se comparados seus elementos pré-textuais com o texto propriamente dito. Diga-se de passagem, entre os próprios elementos pré-textuais já surgem algumas incompatibilidades notáveis. Para ficar em um dos casos preliminares, chama a atenção o fato de o título introduzir a noção de sujeito colonial e o resumo, em ligeira discrepância, afirmar que o artigo procura apreciar os “fundamentos de uma crítica colonial do sujeito cultural brasileiro” (PENNA, 2012, p. 295) estabelecidos em certos ensaios de Silvano Santiago. Embora não tão evidente, há um desacordo entre a ideia de sujeito colonial e a de sujeito cultural brasileiro que aponta para duas leituras bastante distintas da produção do ensaísta, o problema da nação ocupando um lugar diverso em cada uma. Curioso também é que no segundo enunciado, presente no resumo, “colonial” seja um termo que caracteriza não o sujeito em questão, mas sua crítica. Trata-se de deslizamentos que mereceriam uma análise mais detida e que só serão abordados aqui indiretamente.

O foco deste trabalho recai numa incongruência entre o título e o corpo do texto que, à primeira vista, pode parecer insignificante. Ainda que inicie a formulação que intitula o artigo e adquira certa relevância por causa da sua posição, a palavra “formações” talvez cause menos efeito do que a expressão “sujeito colonial” e do que o subtítulo, formado pelos conceitos de suplemento, dependência e cosmopolitismo, capitais na obra de Silvano Santiago. Entretanto, aquela palavra recobra alguma importância por, além de remeter a uma tradição de autores que o ensaísta comenta e com que se mantém em diálogo, ficar restrita ao título de Penna (2012) e não comparecer em meio às meditações. Na verdade, o que surge com frequência ao longo dos parágrafos é a questão da formação, não havendo uma única ocorrência sequer do termo “formações” especificamente. Afirmar que tal evidência cria mais incompatibilidades implica contradizer o raciocínio mais lógico, segundo o qual o plural no nome seria uma mera variação em número do substantivo que se repete na argumentação.

Levar a cabo tal suspeita implica contradizer também, com efeito, uma provável razão da escolha, a julgar pelo que se desenvolve no artigo. Articulação captada atentamente por Penna (2012), uma linha de força da ensaística de Silvano Santiago é a teoria de que algumas das acepções mais

relevantes em torno da ideia de formação estão intimamente conectadas. Isso pode ser observado nas diferentes conotações que se juntam à palavra em suas subsequentes aparições, diferenciação essa que se dá de maneira sutil, mas sensível. São pelo menos três os sentidos que se encadeiam e que, em tese, favoreceriam a aglutinação pelo plural, como o que se verifica no título.

Assim como as demais, a primeira compreensão se manifesta nas páginas iniciais do artigo, no momento em que Penna (2012) faz uma espécie de síntese introdutória do percurso adotado no trabalho. Ao mencionar a maneira como Silviano Santiago se apropria da estratégia engendrada por Jorge Luis Borges no conto “Pierre Menard, autor de *Quixote*”, o pesquisador explica que esse tópico é o “ponto de entrada e chegada” de sua comunicação na medida em que permite estabelecer um eixo importante da obra do ensaísta. Na base desse paradigma estudado, encontra-se justamente o conceito em análise, funcionando como um elo entre várias especulações.

Refiro-me a uma série de textos-chave que, de forma recorrente, à medida que os periódicos volumes de coletâneas de seus [de Silviano Santiago] ensaios vão sendo publicados ao longo dos anos, constroem um programa único do que gostaria de chamar a “*formação* do sujeito colonial”. (PENNA, 2012, p. 298, grifo nosso)

Convém registrar que, nesse trecho, uma ambiguidade considerável cerca a primeira compreensão, fazendo com que ela se ramifique em duas. A princípio, a dita formação do sujeito colonial pode ser entendida como um assunto investigado por Silviano Santiago nos ensaios eleitos. Dessa perspectiva, a constituição do personagem é algo que se passa no plano da história e que o ensaísta recorrentemente aborda como tema, não obstante o tratamento original e talvez inédito. Em paralelo, todavia, o excerto pode ser submetido a outra interpretação. Nota-se que a formação do sujeito colonial é apresentada por Penna (2012) como um *programa* construído nos mencionados textos-chave. Nesse sentido, a noção em pauta apontaria para um processo de elaboração conceitual, como se o alvo fosse, sobretudo, a maneira como se forma uma categoria em ato teórico. Claro que as leituras não se dissociam definitivamente, mas projetam, de antemão, conclusões divergentes sobre a aplicabilidade do personagem “sujeito colonial” e sobre a variação observada no título do artigo.

A segunda e a terceira acepções se manifestam imediatamente em seguida à passagem citada acima e no mesmo parágrafo, o que indica como as compreensões se interpenetram. De fato, as ligações com o emprego antecedente são inegáveis e as novas nuances surgem como desdobramento justificado, à imagem do raciocínio de Silviano Santiago. Digno de nota é o modo como, em conformidade com o autor abordado, Penna (2012) passe de uma concepção a outra sem maiores mediações ou comentários, quase como se fosse intercambiáveis. Isso se evidencia no trecho em que o pesquisador, ao resumir o contexto de produção, divulgação, tradução e publicação do ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, estabelece uma relação entre a trajetória intelectual do ensaísta e de uma linhagem de célebres pensadores brasileiros.

A analogia com a cena inicial de que partimos, o simpósio de Viveiros de Castro em Manchester, é evidente: trata-se sempre do périplo do intelectual brasileiro ou latino-americano pela metrópole. Simétrico inverso da viagem de captura da empresa colonial, em sua fase de acumulação primitiva, e seu antídoto etnográfico: a viagem de *formação* que configura a *Bildung* do intelectual cosmopolita “rico”, qualificará adiante Silviano Santiago: Henry James, T. S. Eliot, Murilo Mendes, elencados em “Por que e para que viajam os europeus?”. Mas a lista é imensa e contém praticamente o ciclo inteiro dos demiurgos do Brasil, na expressão de Francisco de Oliveira: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, isto é: o cerne das narrativas brasileiras de *formação*, na viagem em que o intelectual brasileiro, “desterrado em sua própria terra”, como diria Sérgio Buarque de Holanda, tenta, impossivelmente, pôr termo ao seu exílio. (PENNA, 2012, p. 298-299, grifo nosso)

A despeito da inegável imbricação entre os dois casos sublinhados neste fragmento, as particularidades se revelam incontornáveis. Associada à temática das viagens dos intelectuais brasileiros ou latino-americanos, a ideia de formação aponta para o âmbito individual e para o processo de instrução desses pensadores, processo esse evidentemente condicionado pelo fato de partirem de ex-colônias e, logo, vinculado à proposição sobre o sujeito colonial. Já quando associada à temática das narrativas que esses autores elaboraram, a noção se desloca para o âmbito coletivo e nacional, e para o processo de singularização e estruturação do país, o que obviamente se liga ao entrave da herança colonial. Os dois matizes acrescentados à rede de conteúdos compõem, junto com o anterior, a trinca de motivos que

permite ao ensaísta, e em sequência o seu leitor, manipular o conceito de um jeito algo heterogêneo e com certa liberdade.

Vale destacar que não é somente no apontado parágrafo que Penna (2012) aproxima as acepções em jogo e sugere como, para Silviano Santiago, não há qualquer contradição em misturar tais esferas. Agora num dos últimos parágrafos, ao comentar como o ensaísta propõe uma “universalidade diferencial” retomando suas hipóteses sobre a operação suplementar no contexto da teoria da dependência, o pesquisador repisa os ressaltados itens do início da reflexão. Localizam-se, nas frases abaixo, situações e nomes paradigmáticos dos sentidos que pairam sobre o termo em debate: a catequização dos indígenas (cena crucial da formação do sujeito colonial), Joaquim Nabuco (figura exemplar das viagens de formação) e Antonio Candido (cuja leitura do sistema literário exprimiria com perfeição o cerne das teorias sobre a formação do país, de suas instituições e de aspectos característicos de sua sociabilidade).

A nova síntese, apresentada nos dois primeiros ensaios de *O cosmopolitismo do pobre*, “Atração do mundo” e o ensaio que dá nome à coletânea, retoma o fio da discussão a partir de *Minha formação* de Joaquim Nabuco, isto é, aquele que é, salvo engano, o modelo de todas as narrativas de formação brasileiras, a começar pela de Antonio Candido, na *Formação da literatura brasileira*, cuja definição de cultura brasileira como sistema constituído a partir da “síntese de tendências particulares e universalistas”, o intelectual cosmopolita, à la Nabuco, realiza. A cena primitiva da primeira missa reinscreve-se aqui nas “metáforas tomadas de empréstimo à representação teatral”, que instalam Nabuco aposentado, em 1900, na poltrona de sua casa no Brasil como espectador do que se representa no teatro da Política com “P” maiúsculo, situado na Europa, e não em seu país. (PENNA, 2012, p. 304)

Aqui, Penna (2012) deixa mais nítida a correlação entre as dimensões contíguas e insinua, inclusive, uma hierarquia que Silviano Santiago aplica a elas. Como se lê na primeira frase, um dos livros que melhor expressa a série de narrativas a respeito da formação de componentes do quadro nacional tem como *modelo* o relato autobiográfico daquele nome que vivenciou, de maneira emblemática, as viagens de formação que vários intelectuais brasileiros viriam a fazer. E tal relato, por sua vez, remonta à chamada cena primitiva que reúne aspectos basilares que atuariam na formação do

sujeito colonial. Em suma, perpassaria os escritos do ensaísta a tese de que as trajetórias e as teorias de uma sucessão de renomados pensadores se reportam, irremediavelmente, a sujeição dos indígenas pelos europeus, imposição colonial que tem na catequização uma reunião paradigmática de tipos complementares de violência, a mais explícita e a cultural.

Levando em conta essa concatenação de significados, o argumento mais imediato para defesa do termo “formações” no título do artigo soa plausível. Se todas as conotações acerca da noção de formação estão mesmo tão intrinsecamente atadas como enxerga Penna (2012), não é nada estranho que o plural seja usado no nome para abarcar as variantes. A constatação seria uma chave viável, desse ponto de vista, para pensar também a enumeração de termos no subtítulo, já que alguns dos conceitos elencados se espriam por mais de uma das áreas acima indicadas. Contudo, há outras vias para interpretar a variação e nem todas levam à conclusão de que se trata de uma escolha coerente e inquestionável. Uma problemática que se presta à ilustração da disparidade e será explorada a seguir é a conceituação psicanalítica envolvida pelo pesquisador.

2 Formação do sujeito?

A hierarquia referida há pouco é reforçada por Penna (2012) na altura do artigo em que se iniciam suas leituras propriamente ditas dos ensaios de Silviano Santiago, depois de algumas páginas de preâmbulo e introdução. Começando por aquele que seria o “arquitexto, o texto-matriz de todos os outros, ‘O entre-lugar no discurso latino-americano’”, o pesquisador aponta a repetição em três cenários da “constituição deste ‘personagem conceitual’, o ‘escritor latino-americano’” (PENNA, 2012, p. 299). E defende que, nos três cenários, tal constituição se subdivide no que seriam “duas entradas distintas: a patologia colonial e seu antídoto ou reversão” (PENNA, 2012, p. 299). Naturalmente, a primordial das cenas aludidas é a primeira missa, relatada na carta de Caminha, que fixa “os papéis do indígena e do colonizador” (PENNA, 2012, p. 299), que faz as vezes de “‘certidão de nascimento’ do sujeito colonial brasileiro” (PENNA, 2012, p. 299) e a que voltam os principais movimentos que tentaram reverter esse padrão de dependência perenizado. A catequese adquire, mais uma vez, o estatuto de ponto de referência inelutável para pensar os diversos âmbitos do país analisados pelo ensaísta, o que faz Penna (2012) sugestivamente chamar o episódio de “cena primitiva”.

Além de evidenciar a precedência e o influxo do episódio em relação aos demais fatos e textos discutidos, a expressão “cena primitiva” introduz na argumentação um vocabulário e um tipo de raciocínio que remete à psicanálise. Conforme sustenta Penna (2012, p. 300) numa nota de rodapé, ainda que o ensaísta não cite nomes do campo psicanalítico como Lacan, o diálogo com essa área de conhecimento é inegável, o que poderia ser comprovado em ensaios como “Apesar de dependente, universal”. Em função dessa conversa previamente forjada, o pesquisador esboça uma leitura da catequese e da importância desse marco em outros escritos de Silviano Santiago na qual a conceituação psicanalítica é realçada e ganha uma centralidade considerável.

O indígena, dúctil, mímico, que macaqueia os gestos dos cristãos “descobridores”, “imitação totalmente epidérmica”, “imagem refletida”, em que se reflete o colono narcisista. A esta cena Silviano retornará também inúmeras vezes, sobretudo nos textos citados, no que configura uma espécie de “estádio do espelho” lacaniano colonial, em que se *forma* o sujeito brasileiro (ou latino-americano) como *ficção*, a partir de um roubo, expropriação, ação de despejo originárias, da alteridade indígena, constituída como aço ou suporte do espelho, Outro especular do europeu, projeção única de sua identidade europeia. (PENNA, 2012, p. 299-300)

Antes de chegar à ligação controversa do que se sugere aqui a respeito da ideia de formação com o que projeta o título do artigo, cabe identificar associações contestáveis feitas na própria passagem. São pelo menos duas as imprecisões que surgem nas linhas acima e que decorrem da maneira como Penna (2012) se apropria da teoria psicanalítica lacaniana para ler a obra de Silviano Santiago. A primeira concerne aos papéis desempenhados pela dupla de personagens que atuariam, segundo o ensino de Lacan, no estádio do espelho. A outra tem a ver com o que exatamente se constitui nessa fase que é uma categoria fundamental para que o psicanalista francês viesse a desenvolver uma série de seus achados.

De acordo com Penna (2012, p. 300), no assim chamado “estádio do espelho lacaniano colonial”, a construção do sujeito brasileiro se dá como ficção na medida em que a alteridade indígena é expropriada e o europeu projeta sua própria identidade nesses seres despojados. Ou seja, quem atua e faz sua imagem se precipitar é o colonizador, de tal modo que restaria aos autóctones somente imitar e macaquear os gestos aprendidos. Essa dinâmica

é bem diferente daquela teorizada por Lacan se levado em conta o sentido da ação, por assim dizer, no contato entre a figura que precisa configurar uma autoimagem e a que supostamente já passou pelo processo. Como esclarece Marco Antônio Coutinho Jorge (2008, p. 45), em *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, “o *infans*, aquele que ainda não fala, prefigura uma totalidade corporal por meio da percepção da própria imagem no espelho, percepção que é acompanhada do assentimento do outro que a reconhece como verdadeira”. E completa citando o analista francês Edmonde Salducci: “para que a criança possa se apropriar dessa imagem, para que possa interiorizá-la, necessita que tenha um lugar no grande Outro (no caso, encarnado pela mãe)” (SALDUCCI, 1995, p. 58 apud JORGE, 2008, p. 45).

Como se percebe, é o ser despojado que precisa contemplar a própria imagem refletida no espelho para que, a partir da identificação, possa interiorizar e se apropriar da autoimagem. E é o ser cuja autoimagem já foi previamente constituída que funciona como suporte para que outra totalidade corporal possa ser esboçada, gesto que depende de um assentimento e de um reconhecimento, como sublinhado por Jorge (2008). Fica difícil transpor tal situação, sem perder seus aspectos basilares, para o que se verifica no trato dos europeus com os indígenas, consoante o que Penna (2012) lê em Silvano Santiago. Lá não há qualquer sinal da anuência e do acolhimento dos portugueses na operação por que passariam os que ainda não possuíam, em tese, uma identidade constituída, nem tampouco uma indicação de que se projetam dos indígenas as aparências a serem interiorizadas e imitadas. Evidente que há a compreensão, em Lacan, de que essa é uma fase marcada por componentes alienantes, mas isso não significa uma alienação violenta e programaticamente imposta. Isso é lembrado, por exemplo, no *Dicionário enciclopédico de psicanálise*, de Pierre Kaufmann (1996):

Assim, a criança deveria perceber sua imagem como espedaçada, se não fosse objeto de uma verdadeira captação pelo reflexo especular, que a faz se antecipar à apreensão da forma global de seu corpo. Nisso consiste a identificação da criança com a imagem do espelho, que chega a não poder distinguir-se dela até que seu eu consiga se desprender; nessa circunstância, a imagem reforça a experiência da intrusão, acrescentando-lhe uma tendência estranha que Lacan chama de a “intrusão narcísica”: “a unidade que ela introduz nas tendências contribuirá no entanto para a formação do eu. Mas, antes de afirmar sua identidade, o eu se confunde com essa imagem que o forma, mas o aliena primordialmente.” (KAUFMANN, 1996, p. 158)

A outra imprecisão que pode ser flagrada na articulação proposta por Penna (2012) diz respeito, como adiantado, ao entendimento do que propriamente se constitui no estádio do espelho formulado por Lacan. As linhas acima extraídas de Kaufmann (1996) já dão uma boa medida do que está em jogo quando se introduz a noção de formação do *eu*. Diferente do que se depreende do artigo “Formações do sujeito colonial”, é um eu que se forma no estádio do espelho, ainda não um sujeito. Também tocando no tema da alienação inerente à ilusão de totalidade, Jorge (2008) enfatiza o fato ao sintetizar uma diferenciação que o psicanalista francês reitera e reelabora ao longo de sua produção:

Considerando o eu como a sede do “desconhecimento crônico” do desejo do sujeito, Lacan empenhou-se desde o início de seu Seminário em estabelecer a distinção entre o eu e o sujeito, a qual, na falta de ser feita, levou a psicanálise a ser confundida gradualmente com uma psicologia do eu. Tal distinção só foi possível por meio de outra distinção, aquela entre o imaginário e o simbólico: se o eu é da ordem do imaginário e do sentido, o sujeito é partido entre os significantes do simbólico. Isso equivale a dizer que a unidade obtida no eu não o é jamais no nível do sujeito, pois este é sempre dividido, conflitivo, impossível de se identificar de modo absoluto. (JORGE, 2008, p. 45-46)

Sem entrar na discussão em torno das outras categorias envolvidas, como as noções de simbólico e imaginário, chama atenção a separação decisiva entre o que resulta do estádio do espelho e o momento posterior e substancialmente diverso em que se funda, aí sim, o sujeito. Da perspectiva anterior, soava estranho que Penna (2012) recorresse ao estádio do espelho para falar de uma dinâmica bastante divergente em relação àquela que define o conceito na teoria psicanalítica. Deste segundo ponto de vista, acrescenta-se o inconveniente de recorrer a tal conceituação para falar de um ciclo em que se formaria um sujeito específico, no caso o sujeito colonial, o que contraria sobremaneira o pensamento de Lacan. A julgar pelo que o autor do artigo alega na nota de rodapé mencionada, são equívocos que se originam na própria obra de Silvano Santiago.

Deixando um pouco de lado essas imprecisões internas ao trecho citado, um aspecto do diálogo de teorias aventado por Penna (2012) parece irrefutável: a percepção de que o que acontece no estádio do espelho é uma formação. Tanto a designação de “momento inaugural de constituição do eu” em Jorge (2008, p. 45) quanto a afirmação assinalada da “formação do eu” em

Kaufmann (1996, p. 158) apontam nessa direção. Por essa via, o termo atesta que, na etapa analisada, uma espécie de totalidade se constitui e se estabelece a unidade que servirá de base para operações posteriores. Concerne, portanto, a um processo que, além de inaugural, termina por ser também irrepitível, já que se inscreve num momento específico e se encerra como uma fase que dá lugar a outros fenômenos e desdobramentos. Observando desse ângulo, é um contrassenso usar o plural “formações” no âmbito das reflexões de Lacan a propósito do estádio do espelho na medida em que isso levaria a pensar que o eu se forma várias vezes e de variadas maneiras. Logo, embora articule a hipótese da formação do sujeito colonial com tal conceituação lacaniana, Penna (2012) se distancia dessa diretriz com o nome escolhido para o artigo.

Com efeito, ao empregar a palavra “formações”, o pesquisador acaba por se aproximar de outra das ponderações basilares do psicanalista francês no campo de suas interpretações dos textos de Freud. Trata-se de um termo recorrente na produção do criador da psicanálise e patente em expressões como “formações intrapsíquicas”, “formações reativas” e “formações de compromisso”. Na teoria lacaniana, entretanto, a noção é usada para armar uma releitura peculiar de trabalhos seminais como *Interpretação dos sonhos* (1900) e *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), nos quais são examinadas as manifestações do inconsciente. Alçando a palavra ao estatuto de conceito, Lacan sugestivamente cunha o seguinte mote para nomear o seu quinto seminário: *As formações do inconsciente*. Não só pela similaridade do enunciado em si, é essa formulação que parece ecoar mais fortemente no título do artigo “Formações do sujeito colonial”.

O que interessa constatar no cotejo com esse outro paradigma conceitual é o fato de que o radical em comum que faz se avizinham as ideias de formação e de formações, em verdade, assume conteúdos díspares, gerando duas categorias que não estão necessariamente associadas. Antes, o que estava em cena era o problema da constituição, da estruturação e da concepção, se é possível dizer que essas questões insinuam os limites de determinado campo semântico. Agora, o foco passa a incidir sobre um grupo de problemáticas como a exibição, a expressão e a revelação, tópicos que evidentemente se distinguem, mas denotam a existência de outra natureza de significados. Somente esses detalhes já permitiriam corroborar como, nos referidos debates, Lacan não utiliza “formações” como plural de “formação”. As evidências, contudo, não se restringem a essa análise superficial e de ordem estritamente semântica dos vocábulos envolvidos.

Conforme sinalizado, em meio à teoria do estágio do espelho, a formação é um tema intrinsecamente vinculado ao quesito do eu. No que concerne ao argumento das formações, a atenção recai especificamente numa sondagem do inconsciente, como o nome do seminário de Lacan sugere de antemão. Direcionando para o que está em causa aqui, se naquele domínio o sujeito comparece como instância anunciada e engendrada posteriormente a depender de uma série de fatores, neste último toda a especulação gira em torno do sujeito, no caso o sujeito do inconsciente. De tal maneira que, tendo em mente essas minúcias do ensino do psicanalista francês, é menos controverso combinar o conceito de sujeito com o de formações do que com o de formação. Em *Freud e o inconsciente*, Garcia-Roza (2009, p. 171-172) sintetiza assim essa dimensão da teoria lacaniana:

Freud inicia seu extenso artigo *O Inconsciente* assinalando que é nas *lacunas* das manifestações conscientes que temos de procurar o caminho do inconsciente. Essas lacunas vão trazer para o primeiro plano da investigação psicanalítica aquilo que Lacan, seguindo Freud, chamou de “formações do inconsciente”: o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas. O que nos chama atenção nesses fenômenos lacunares não é apenas a descontinuidade que eles produzem no discurso consciente, mas sobretudo um sentimento de ultrapassagem que os acompanha. Neles, o sujeito sente-se atropelado por um outro sujeito que ele desconhece, mas que impõe sua fala produzindo trocas de nomes e sentimentos cujo sentido lhe escapa. É essa perplexidade e esse sentimento de ultrapassagem que funcionarão como indicadores para o sujeito (sujeito do enunciado ou sujeito do significado) de um outro sujeito oculto e em oposição a ele (sujeito da enunciação ou sujeito do significante). [...] Esse outro sujeito é o sujeito do inconsciente, do qual temos algumas indicações seguras se nos voltarmos para os fenômenos lacunares acima referidos.

O resumo de Garcia-Roza (2009) tangencia, aliás, outro assunto que ajuda a captar as diferenças entre as noções de formação e de formações em Lacan. Ao estabelecer a oposição entre o sujeito do significado e o sujeito do significante, o autor insinua a importância das categorias de imaginário e simbólico para o debate em pauta, assim como observado em Jorge (2008). Em outras passagens de *Fundamentos da psicanálise*, o psicanalista brasileiro reitera tal relevância ao abordar o que no trecho acima é chamado de ultrapassagem por vias como a seguinte:

[a] sobredeterminação (que significa uma superdeterminação) inconsciente põe em evidência a primazia do simbólico na constituição do sujeito, na medida em que se mostra uma característica geral das formações do inconsciente. (JORGE, 2008, p. 68)

Essas linhas reforçam como, enquanto a formação do eu no estágio do espelho remete pontualmente ao registro imaginário, as formações do inconsciente implicam uma operação simbólica, já que dependem de uma manifestação desse sujeito particular investigado pela psicanálise.

Entre outros, os itens acima confirmam como, na obra do psicanalista francês, há uma especificação bastante clara no emprego das variantes selecionadas. Confirmam também, de resto, que não é nada incoerente, se tomada como base a teoria lacaniana, que Penna (2012) conceba o título “Formações do sujeito colonial”, a despeito de a palavra que abre a expressão não ser usada nenhuma vez ao longo do artigo. Inclusive, há outra ressonância entre o modo como Lacan exprime sua compreensão das formações do inconsciente em Freud e um recurso que avulta no nome do texto a respeito da ensaística de Silviano Santiago. Nos dois casos, vê-se um artifício estilístico semelhante que estimula a hipótese de que o pesquisador brasileiro, na exposição avaliada, não empresta da teoria psicanalítica somente a temática do estágio do espelho.

Acompanhando de perto as descobertas e a reflexão de Freud, Lacan entende que o inconsciente se manifesta de variadas maneiras e em função de subterfúgios e traduções de seu conteúdo. No intuito de explicar as conversões, o criador da psicanálise recorreu às ideias de deslocamento e condensação e seu seguidor explorou as de metonímia e metáfora. Esse entendimento é que justifica que se cristalice nos textos psicanalíticos uma espécie de fórmula em que a sentença “formações do inconsciente” vem frequentemente seguida da enumeração das vias por que se dá a materialização. Isso pode ser constatado, por exemplo, na transcrita passagem de Garcia-Roza (2009, p. 171): “aquilo que Lacan, seguindo Freud, chamou de ‘formações do inconsciente’: o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas”. Tal modelo se torna quase uma regra tendo em vista que, se o inconsciente não é exatamente algo que se forma¹, mas que se dá a ver por meio de formações, é necessário listar essas aparições possíveis.

¹ Importante frisar, a esse respeito, que é muito mais característica nos seminários de Lacan a discussão em torno de como o inconsciente se *estrutura* do que propriamente acerca de como ele se *forma*.

Curiosamente, esse esquema de exposição do problema encontra no trabalho de Penna (2012) uma ressonância que não merece ser desprezada. Já brevemente comentado aqui, o nome do artigo é composto não só pelo título “Formações do sujeito colonial”, mas também pelo subtítulo “suplemento, dependência, cosmopolitismo”. Nesse sentido, parece ocorrer uma adaptação daquele padrão estabelecido pela teoria lacaniana e uma predição de que as questões elencadas são justamente os feitos do sujeito colonial diagnosticados por Silviano Santiago. À imagem de Lacan, o pesquisador faz precipitar a suposição de que, para apreciar o personagem em foco, é obrigatório que se deduzam seus mecanismos de aparição, os quais envolvem parcelas de transformação. Isso não está distante do que se diz nos parágrafos do texto a propósito da mistura, nos escritos do ensaísta, entre o que é patologia e também se revela antídoto, ou a propósito da tensão que envolve a imposição da repetição e a deflagração da diferença.

Em suma, examinado em sua lógica interna e isoladamente, o título criado por Penna (2012) exhibe uma coerência indiscutível, ainda mais se aceita a conjectura de que a ordenação descrita se reporta ao ensino de Lacan sobre as formações do inconsciente, que serve aí mais como suporte teórico do que como mera influência. Os problemas começam a surgir, do ponto de vista dessa mesma conceituação psicanalítica, a partir do choque entre duas formulações inconciliáveis, uma no nome e a outra no corpo do texto: “formações do sujeito colonial” e “formação do sujeito colonial”. Para manter as duas versões, seria necessário explicar como o personagem se constitui como unidade em função de um evento histórico datado e guarda, simultaneamente, certa indefinição e maleabilidade para se manifestar sobretudo por meio de outras configurações. Embora obviamente defensável, esse caminho não encontra amparo nas mencionadas ideias do psicanalista francês. Talvez uma alternativa seja uma articulação dessa categoria forjada com base na obra de Silviano Santiago com outras teorias do sujeito. Isso, entretanto, não é desenvolvido por Penna (2012).

3 Considerações finais

Há outras problemáticas que se prestariam igualmente à ilustração das disparidades entre o título e o artigo propriamente dito de Penna (2012). Para unicamente aventar um enfoque paralelo, caberia repensar as discrepâncias do texto não somente pela chave da conceituação psicanalítica, mas pela dos

pensamentos políticos e ideológicos que subjazem aos assuntos tratados. Assim como uma leitura mais precavida e criteriosa das teorias lacanianas pode revelar uma diferenciação drástica entre os conceitos envolvidos, uma observação mais rigorosa das ideologias mobilizadas pelos intelectuais que Silviano Santiago investiga e com que dialoga levaria possivelmente a uma percepção análoga. Além disso, esse enfoque provavelmente apontaria como dizer que os ensaios giram em torno da *formação* de um personagem e dar um destaque às suas *formações* são escolhas de sérias implicações no estabelecimento do lugar e da importância do ensaísta no panorama brasileiro.

Tentando resumir o argumento em poucas palavras de modo a não deixar a indicação tão genérica, as reflexões de Penna (2012) parecem se basear numa concepção das correntes ideológicas que está longe de ser consensual e que não procura se dissociar de compreensões entrevistas em Silviano Santiago. Como foi introduzido páginas atrás, à imagem do ensaísta, o pesquisador embaralha noções que remetem à esfera individual (a formação dos pensadores) e à esfera coletiva (a formação do país, da cultura, da sociedade, etc.). Esse raciocínio permite, por exemplo, que a *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, seja entendida como um modelo para a *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Ao fazer isso, o autor deixa transparecer como a classificação das obras e dos intelectuais se ancora mais nas noções de nacionalismo e cosmopolitismo do que em outros quesitos. Naturalmente, as conclusões e as articulações seriam bem diferentes se os critérios aludissem a ideias como conservadorismo, liberalismo, progressismo, desenvolvimentismo, entre outras que possibilitam categorizações alternativas. Levando em conta essas outras possibilidades, torna-se mais difícil justificar a aproximação de tantos projetos e, mais importante aqui, defender que a formação de um personagem em Silviano Santiago até sua ensaística a programas tão variados. Somado a isso, num sentido inverso, tais quesitos porventura ajudassem a ratificar como a manutenção do termo “formações” é coerente se ressaltada a maneira como o ensaísta subverte determinado paradigma da formação², que não é exatamente o trabalhado em “Formações do sujeito colonial”.

² Consultar, por exemplo, o texto “Depois da ‘formação’: cultura e política da nova modernização”, de Marcos Nobre (2012). Ali o filósofo se interessa especialmente por um paradigma da formação que pode ser associado, no campo político-ideológico, a um paradigma nacional-desenvolvimentista.

Referências

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KAUFMANN, P. (ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução: Vera Ribeiro; Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

NOBRE, M. Depois da “formação” – cultura e política da nova modernização. *Piauí*, [s. l.], ed. 74, 2012. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-da-formacao/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

PENNA, J. C. Formações do sujeito colonial: suplemento, dependência, cosmopolitismo. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 295-306, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2012000200010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/zkhcmktjtdRTWXyWvzbD Dk/?lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2022.